

# volta à grande depressão?

O ESTADO DE S. PAULO — Quinto

## Uma

O ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, afirmou ontem que o mundo pode estar à beira de uma grande recessão econômica, como a ocorrida em 1929/30, com desarranjo dos sistemas econômicos, caso ocorram pequenas "besteiras" na política monetária norte-americana. Ele destacou que a taxa de desemprego nos Estados Unidos ultrapassou os 9%, e a sucessão de falências "lembra os acordos iniciais do prelúdio da grande depressão".

Para Simonsen, "a situação econômica norte-americana é muito difícil, propagando efeitos danosos, com muita rapidez, pelo resto do mundo. A teoria de Lafer (supply-side economics) inspirou o corte de impostos, marcando o início da chamada 'reagonomia', enquanto a corrente econômica dos 'novos clássicos', que vive num mundo de ficção científica, hoje domina o comitê de mercado aberto da Reserva Federal". E a regra de ouro de Friedman (expandir os meios de pagamento a uma taxa rigorosamente constante, de acordo com o crescimento potencial da economia) transformou-se na bússola da política monetária norte-americana, segundo o ex-ministro do Planejamento.

Relata o ex-ministro que os acontecimentos nos Estados Unidos, ocorridos nos últimos 18 meses, são "caóticos", contrariando a boa gestão econômica. O corte dos impostos elevou o déficit orçamentário às nuvens. A maior parte desse déficit tem sido financiada pela colocação de títulos públicos no mercado, já que a Reserva Federal não abre mão do controle monetário. E assim explodiram as taxas de juros reais e nominais. Com juros reais elevados, os investimentos privados se retraíram. A taxa de inflação realmente baixou, pois, segundo Simonsen, monetarismo mais paciência compõem receita infalível para domar os preços.

Entretanto, mostra o ex-ministro que, para todas as correntes, econômicas norte-americanas, os efeitos têm sido desastrosos, com o desencontro monetário-fiscal que se instaurou a partir de 1981, desarrumando toda a economia. A alta abrupta dos juros desativou violentamente a construção

O ex-ministro Simonsen adverte: o mundo pode estar à beira de outra grande recessão, como resultado da política dos EUA.

civil, a produção de bens duráveis de consumo, as indústrias de bens de capital. E o corte de impostos só gerou demanda onde não havia suficiente oferta, retardando o combate à inflação.

Prossegue Simonsen observando que o dólar se valorizou 11,2% em relação ao marco alemão e

### Uma grande queda na Bolsa de Nova York

A média industrial Dow Jones, da Bolsa de Nova York, teve ontem sua pior queda em cinco meses e meio, enquanto cresce a lista de ações registrando as maiores quedas nos últimos dois anos. O motivo são os temores de novas altas dos juros e da aprovação do aumento de impostos pelo governo.

### A ONU admite: é a pior crise desde 1930.

Relatório da Organização das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento diz que os países em desenvolvimento enfrentam a pior crise desde os anos 30, com quedas bruscas no crescimento e altas bruscas na dívida externa, que aumenta US\$ 2 bilhões por ano a cada aumento de 1% nas taxas de juros.

19,8% em relação ao ien japonês, nos últimos 15 meses. Com essa valorização, os Estados Unidos perderam a competitividade externa: caíram suas exportações, alargou-se o déficit comercial, aprofundando ainda mais a recessão norte-americana. Sendo avessos à inflação, alemães e japoneses adotam medidas recessivas para evitar o impacto do dólar supervalorizado sobre os níveis internos de preços. Assim, a descoordenação monetário-fiscal dos Estados Unidos acaba espalhando recessão sobre os países desenvolvidos.

### Juros insuportáveis

Para as nações em desenvolvimento, acha Simonsen que a situação ainda é mais dramática. Para atrair capitais externos, elas são obrigadas a manter juros insuportáveis no mercado interno, muito mais altos em termos reais do que os que vigoram no mercado norte-americano. Estas nações pagam "spreads" (diferenciais de risco) e são forçadas a absorver a valorização do dólar na sua política cambial. Isso significa, na prática, desvalorizar a moeda além da diferença das taxas de inflação, interna e externa.

Por outro lado, destaca Simonsen, que escreveu sobre esse assunto um longo artigo para a revista *Symposium*, o fato de os países endividados terem dificuldades cada vez maiores para solucionar seus problemas de balanço de pagamentos exige uma taxa de crescimento das exportações que exceda a taxa de juros no mercado internacional, para que a dívida externa não se acumule em bola de neve. Daí a recessão e os desastres de política econômica, como os do México e da Argentina.

Uma simples troca de sinais da política norte-americana seria suficiente para corrigir essa situação, mas está faltando bom senso e racionalidade, no momento, segundo Simonsen.

